

NOVA PERSPECTIVA SISTÊMICA FAZ VINTE ANOS

GLADIS BRUN

*Psicóloga clínica,
coordenadora do projeto
Diálogos e Perspectivas.*

Vinte anos... Uma idade já madura para uma revista... Parabéns a todos que contribuíram para seu crescimento e fortalecimento... A emoção é inevitável e muito forte a lembrança dos esforços para dar corpo ao sonho... Fui gentilmente convidada por minha amiga Helena a participar da festa... Um artigo seria muito bem-vindo, me disse... Mas nasceu essa reflexão, tão longe da categoria artigo...

Olhando o tempo, penso em palavras e reflexões teóricas que ficarão para sempre associadas aos autores que me marcaram de forma encarnada, e aqui faço explícita reverência a Cecchin e sua redefinição de curiosidade, a Goolishan e a complexa importância da posição do “não saber” e na ênfase que sua prática nos mostrava da posição dialógica e em seus múltiplos desdobramentos teorizada por nosso tão querido Tom Andersen... Aqui cometo sérias injustiças com muitos outros personagens que fizeram/fazem parte da rede teórica que sustenta minha prática... Todos habitam as páginas dessa revista tão querida...

Pensei sobre o que faço hoje em meu trabalho clínico que representa bem meu percurso nesses 20 anos... Lembro o verdadeiro parto do número um, o primeiríssimo, com um artigo escrito em parceria com Rosana Rapizo, amiga e companheira desse percurso (Lia Carvalho nos dando um suporte fundamental)... O artigo já insinuava por onde estávamos tentando caminhar: “A arte de perguntar”... Ali iniciávamos esse mergulho na incerteza, na curiosidade, assim como na ideia da conversação dialógica e coconstruída, que se constituíram como orientadores sempre presentes de nossa prática... Como são ideias/conceitos que se mostraram cada vez mais ricos e complexos, jamais foram abandonados... Essa forma de pensar foi aos poucos amadurecendo até dar lugar ao nascimento de uma prática que, até hoje, tantos anos depois, se mantém paralela ao meu fazer como terapeuta: meu espaço como coordenadora dos grupos Pensando Casal... Ali me resguardo da tentação de ocupar a posição do saber, que está sempre à espreita, mesmo quando de forma velada e aparentemente democrática... Nesse espaço coletivo e habitado pela diversidade, dou voz e presença a outra construção teórica, sou acompanhada por outro profissional, esse apoiado por conceitos construídos no território da psicanálise... Percebo que essa diferença entre nós se constitui como fazendo diferença significativa no produto final dos encontros... Acredito que isso se dá devido ao peso da competência dos profissionais envolvidos nesse lidar com o outro... Sou acompanhada nesses encontros por uma atmosfera geradora de diálogos... Talvez isso se dê pelo respeito com que na prática todos nos conduzimos... Todos trazemos vozes que se fazem presentes e que são tomadas como disparadores/provocadores de novos movimentos... Acredito que frente à complexidade da vida amorosa e das expectativas em nossa cultura para o casal e a instituição do casamento, não podemos acreditar que uma única construção teórica baste para nossa compreensão das diferentes coreografias que se revelam e se desenvolvem ao longo do tempo de convivência, marcado por expectativas, decepções, encontros e desencontros...

Penso que não podemos abrir mão de diferentes vozes e crenças teóricas que se construíram ao longo do mundo que conhecemos, como tantas vezes coloquei em palestras e trabalhos de congressos... Sem esses exercícios que representam uma verdadeira aeróbica em nossas escutas tão tendenciosas, corremos o risco de ouvirmos o sofrimento e, muito rapidamente, quase num automático, nos percebermos tentados a oferecer, mesmo que veladamente, caminhos que nos soam como melhores, mais saudáveis... O lugar de terapeuta, desse suposto saber que se confunde com o saber, é tão tentador... Quase um lugar de nos iludirmos com o saber que acumulamos e pensarmos que sabemos mais do que sabemos de verdade... Essa é a tentação... Esse é o perigo frente ao qual sempre estamos vulneráveis... Vivemos nos passando rasteira...

Nesses grupos Pensando Casal, estamos inevitavelmente mergulhados no território da diversidade... Somos provocadas permanentemente com notícias de diferenças... Refletir sobre isso me lembra outros tempos, aqueles em que trabalhava com modelos e vivenciava meus mapas talvez com a ilusão de conhecer o território...

Outro recurso que nos parece muito útil para nos distanciarmos da atmosfera da fogueira de vaidades se dá no uso privilegiado da arte cinematográfica e da literatura como fonte de reflexões... À diferença de encontros feitos em outros tempos de formadoras, com aqueles vídeos editados de nossas sessões, nossos “pacientes/clientes” são agora os personagens de filmes ou livros que selecionamos como disparadores dessas conversas que nos exercitam, a clínica fica sendo o que se produz com esses mergulhos... Enquanto escrevo percebo o quanto me distanciei do lugar de mestre, aliviada por genuinamente estar ocupando uma posição mais confortável... Diminuiu o ritmo marcado pelo “tenho que”... Talvez o “querer” fique assim mais estimulado e um “posso tentar” acople melhor com a curiosidade...

Meu desejo é contribuir... quero fazer parte dessa festa... Obrigada Helena pelo convite, obrigada a cada um de vocês que se tornou alicerce para que tenhamos essa Nova Perspectiva Sistêmica viva... Desejo que seja reconhecida nesse processo em que se apresenta cada vez mais forte, madura, complexa e sofisticada... entre nós... para nós... Como podem reparar, deixei de lado qualquer intervenção que contenha ponto final... Meu carinho e meu orgulho de fazer parte dessa rede e dessa história... que continua... espero que por muitos e muitos anos...

NPS, UMA VIDA TECIDA A INFINITAS MÃOS

ROSANA RAPIZO

*Psicóloga, terapeuta de família, facilitadora de processos coletivos, diretora político-pedagógica do Instituto Noos, mestre em Psicologia Clínica PUC/RJ, doutoranda em Psicologia Social UERJ.
E-mail: rosanarapizo@gmail.com*

Era dezembro de 1991, o lançamento da *Nova Perspectiva Sistêmica* acontecia no pátio dos fundos da casa do ITF-RJ. Mais um sonho realizado: publicar uma revista em português sobre terapia de família, pensamento sistêmico e as ideias e os trabalhos que nos moviam naquela época. Como quase tudo que fazíamos então, o lançamento da NPS foi impulsionado pelo desejo de realizar sonhos. A revista foi o resultado de um tanto de disposição, outro de ingenuidade, um pouquinho de inquietação e muito trabalho.

De início, Gladis estimulou a conclusão do projeto com seus ideais, contatos, trabalho e imensas criatividade e ousadia. Eu segui seus passos e tentei contribuir ajudando na edição. Fui editora assistente do primeiro ao oitavo número. Depois assumi a edição até o número 25. Hoje estamos na 41ª.

Olhando para trás, neste momento em que a NPS faz 20 anos, penso no quanto não sabíamos e no quanto o não saber pode ter sido fundamental para a sobrevivência da revista. Como não sabíamos, cada vez que se apresentava um dilema, inventávamos uma solução. Não tínhamos como comparar o antigo com o novo.

Os anos foram passando e fomos aprendendo e criando formas de continuar produzindo a revista. Não foi fácil, muitas vezes apenas na última hora algo acontecia e “salvava” a edição: um novo artigo chegava, o dinheiro aparecia, enfim...

Hoje, celebrando os 20 anos de existência de NPS, quero expressar minha gratidão. Sou extremamente grata por toda a experiência que tive ao pilotar essa nave em territórios desconhecidos, no escuro, muitas vezes sob tempestade. Assim, aprendi a improvisar, a abrir mão da rigidez, a criar portas onde só me apareciam muros. Quero agradecer por cada pessoa que a NPS me apresentou, que ampliou de alguma forma minha convivência. Convivi com meus mestres mais de perto: Marcelo Pakman, Harold Goolishian, Saúl Fuks, Cecchin e nosso querido e inesquecível Tom Andersen... Fui apresentada a novos terapeutas e escritores que contribuíram com nosso acervo de artigos. Agradeço também aos expoentes da terapia de família no Brasil que, publicando seus trabalhos, nos brindaram com a evolução de suas ideias através do tempo. Por meio da revista, pudemos divulgar nosso pensamento com os artigos de membros da equipe ITF. A liberdade que estar à margem nos traz permitiu que publicássemos aquilo de que gostávamos, que fazia sentido, que nos incitava a dialogar.

É claro que, como em toda jornada, tivemos muitas dificuldades. A principal delas foi a sustentabilidade da revista. Por muitos anos, o ITF-RJ foi responsável por isso. Por mais romântico que possa parecer, nosso espírito mambembe carecia de profissionalismo e talvez tenha adiado o crescimento da revista e sua visibilidade em outros sítios. Por outro lado, isso permitiu que ela sobrevivesse dentro de um estilo peculiar, que construísse uma linha editorial própria e independente que valoriza, sem concessões, a forma de pensar coerente com nossas práticas. Divulgando assim, uma nascente transformação na terapia de família, nas terapias sistêmicas e nas práticas sociais relacionadas a elas em geral.

As transformações que levaram ao surgimento do Multiversa, instituição que abrigou a maior parte da equipe do antigo ITF-RJ, levaram também às novidades na revista. Neste momento decidi, apoiada pelo restante da equipe da revista e da instituição, ampliar o número de editores e incluir em parceria mais duas instituições. Ambas já tinham uma grande história de parceria com o ITF-RJ e agora com o Multiversa. O Instituto Familiaie esteve sempre próximo à revista em ideias, diálogos e trocas das mais variadas e aceitou o convite com alegria e muita disposição e, logo em seguida, a coordenação da edição passou a ser guiada pelas mãos competentes de Helena Maffei Cruz. E o Instituto Noos, que durante todo o tempo de existência da revista esteve presente na produção editorial e na interlocução informal da edição, também assumiu a parceria neste momento. A NPS passou então a ser editada e produzida pela parceria fértil entre as três instituições. Isto permitiu que a revista crescesse, amadurecesse, mudasse de cara, reafirmando sua identidade como publicação afinada com o discurso construcionista social e com as práticas sociais sistêmicas. O amadurecimento trouxe novidades como a indexação que facilitará a saída da NPS de nossa intimidade para ganhar o mundo, como jovem que é. Hoje, a NPS conquista mais profissionalismo e muito mais visibilidade e, agora indexada, atrai cada vez mais pensadores conectados com a visão que sua linha editorial promove. A parceria Multiversa/Noos/Familiaie foi uma diferença que realmente fez a diferença!

Afinal foi a partir dela que criamos e realizamos um sonho há muito acalentado: produzir um evento com autores construcionistas brasileiros. O *Construcionando* foi um marco e uma metáfora de como trabalhávamos na NPS. Como diz a sabedoria popular: transformamos um limão em uma limonada. O evento, embora fosse uma ideia antiga, foi produzido para auxiliar na sustentabilidade da revista. Contamos com a participação entusiasmada de colegas, alunos e amigos. Ousamos um formato diferente e, para além de seu objetivo inicial, aprendemos muito e nos divertimos mais ainda! Já tivemos o Construcionando II e, certamente, muitos outros virão.

Meu apego e amor por esse trabalho e meu recente afastamento da equipe de edição para me dedicar a outros projetos só foram possíveis por essa parceria. Atualmente, a equipe do Multiversa foi incorporada ao Instituto Noos e, para ocupar o lugar de parceiro da revista, chegou o Interfaci, capitaneado por nossa querida Marilene Grandesso.

Agradeço a competência de nosso sempre parceiro Instituto Noos, por onde agora retorno a fazer parte do cotidiano da revista, por ter sempre estado por perto na produção e idealização de todos os momentos da revista, especialmente a Carlos Eduardo Zuma, companheiro de primeira hora, sempre próximo e atuante, responsável direto pela sobrevivência da revista até agora. A NPS deve sua continuidade a muito da sua esperança e trabalho.

Agradeço a enorme dedicação de Helena Maffei Cruz que, representando o Familiaie, abraçou a revista tão calorosamente que ela pôde florescer e se transformar na publicação que temos hoje.

Ao longo dos 8 anos em que estive à frente da edição da revista, estive sozinha em muitos poucos momentos. Agradeço então a oportunidade que a NPS me deu de conviver com pessoas como Martha Scodro e Gizele Bakman, que voluntariamente foram assistentes de edição. A Lia Carvalho que com seu empreendedorismo trouxe fôlego para a revista em mais um momento de quase afogamen-

to. Agradeço também a pessoas como Aline Carrocino, que dedicou parte de seu tempo a organizar e cuidar dos detalhes dos quais nós não podíamos cuidar no dia a dia. Atualmente contamos com Adriano Beiras na equipe de edição e com a dedicação e o entusiasmo de Anna Carla Ferreira na produção editorial.

Durante quase todo o tempo de vida da revista, ela contou com duas colaboradoras inestimáveis: Maria Helena Pinheiro, que admiravelmente conduziu a *Sala de cinema* com resenhas e críticas, articulando filmes, tanto atuais como clássicos, com temas que eram de interesse dos leitores e nos brindando com sua cultura e estilo, e Eloisa Vidal Rosas, responsável pela *Estante de Livros*, seção dedicada à literatura, tanto específica como geral, que conseguia sempre aguçar a curiosidade do leitor a partir de suas resenhas.

Não posso também deixar de mencionar o Conselho editorial em que alguns nos acompanham desde sempre e outros vieram há menos tempo trazer novos ares para a revista.

Todos da edição, produção, interlocução, em todos os momentos, sempre participaram com alegria e disponibilidade. Nos momentos de turbulência, era a certeza de que abrir mão desse sonho era mais difícil do que os obstáculos que nos impedia de desistir.

Uma publicação é uma rede de conversações, um espaço de trocas, de diálogo. A NPS me possibilitou um mundo inteiro de relações, um lugar onde sempre me senti feliz e do qual espero continuar participando. Um tecido feito a infinitas mãos. Agradeço de coração à NPS por isso!

Parabéns por seus 20 anos! Que venham muitos outros 20!